

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada*

Lecila Duarte Barbosa Oliveira¹

Claudete Marcon

Bruna Ghedin Stodieck

Érica Bortolotto Kesting

Tháís Cristine Farsen

Universidade Federal de Santa Catarina

Este artigo relata a experiência com oficinas de construção de brinquedos com sucatas, realizadas numa Unidade de Internação Pediátrica, e tem como objetivo contribuir com práticas no ambiente hospitalar e instrumentalizar profissionais que atuam na integração entre a criança e seu acompanhante. As oficinas ocorreram semanalmente, com duração de 40 minutos, mediadas por três brinquedistas. As crianças e seus acompanhantes eram estimulados a construir brinquedos com materiais recicláveis. Foram relatados dois episódios significativos de mediação e as impressões gerais sobre as interações ocorridas durante a atividade. Os resultados indicaram que as oficinas propiciam a interação criança internada/acompanhante, garantem o prazer de brincar e oferece a possibilidade de obter informações sobre o desenvolvimento infantil. Conclui-se que essas atividades contribuem com a redução das dificuldades no ambiente hospitalar e estimulam o desenvolvimento infantil.

Palavras-Chave: Hospitalização infantil – Construção de brinquedos – Interação pais-filhos

This article reports an experience of workshops with building scraps toys made in a pediatric unit aiming to contribute to the practices in the hospital environment and helping professional with integrators actions between children and their parents. The workshops occurred weekly and lasted about 40 minutes, mediated by three playmates. The children and their caregivers were encouraged to build toys using recycled materials. Were reported two significant episodes of mediation and the general views about the interactions occurring during the activity. The results indicated that the workshops of building toys provide interaction hospitalized child/companion and offers the possibility to obtain information on child development and the fun of playing. We conclude that these activities contribute to reducing the difficulties encountered in the hospital and encourage child development.

Keywords: Child hospitalization – Toy's production – Parents-children interaction

* Toys construction with scrap: mediated parent/hospitalized child relationship

¹ Endereço para correspondências: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC, 88040-900 (lecila@cfh.ufsc.br).

Introdução

A brincadeira é, reconhecidamente, um instrumento do qual a criança faz uso para se integrar e explorar o ambiente que a cerca. Issa e colaboradores (2009) apontam que as definições de brincadeira geralmente indicam que ela é uma atividade empreendida pela criança com a finalidade de obter prazer. Não obstante, ela favorece também a imaginação, a confiança, a socialização, a cooperação, a curiosidade, o desenvolvimento da auto-estima. Além disso, por meio da brincadeira a criança fantasia, experimenta os seus sentimentos, domina impulsos e libera emoções. Brincando, a criança pode interagir com outras pessoas, desde crianças a idosos e, inclusive, vivenciar situações semelhantes às experiências adultas (ADAMUZ *et al.*, 2002; BERTOLDO; RUSCHEL, 2000; FRANÇANI *et al.*, 1998; MAIA *et al.*, 2002; QUEIROZ *et al.*, 2006). Desenvolver-se sadiamente perpassa a possibilidade e necessidade de brincar, pois a brincadeira constitui-se meio pelo qual o indivíduo amplia, gradativamente, o equilíbrio entre suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais e o contexto em que está inserido (AMORIM, 2009).

Quando passa por uma situação de adoecimento que requer internação, a criança acaba sendo afastada do seu ambiente habitual e vivenciando situações, geralmente, desconhecidas. As atividades rotineiras da criança são interrompidas, ela está afastada da sua casa, da sua escola, dos seus amigos e familiares e os procedimentos a que é submetida são, muitas das vezes, dolorosos. A soma desses fatores pode desencadear angústia, medo e ansiedade (CARVALHO & BEGNIS, 2006; FRANÇANI *et al.*, 1998; LIMA *et al.*, 1999; RANNA *et al.*, 1993; MITRE & GOMES, 2002; MITRE & GOMES, 2007; PEDRO *et al.*, 2007).

A internação é reconhecida como agente capaz de provocar interrupção do desenvolvimento normal da criança hospitalizada (VALLADARES & CARVALHO 2005; MITRE & GOMES 2007; CARVALHO & BEGNIS, 2006; MAIA *et al.*, 2002). Assim, o ambiente hospitalar deve estar preparado para receber estas crianças e, para tanto, fornecer condições adequadas ao seu desenvolvimento, uma vez que os efeitos negativos da hospitalização podem ser minimizados. Em consonância com o exposto anteriormente, foi aprovada a Lei 11.104 de 21/03/2005, que obriga as unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação a contarem com brinquedotecas – espaços lúdicos destinados a estimulação de crianças e pais à brincadeira, através de jogos e brinquedos (BRASIL, 2010). Nesse sentido, a brincadeira e os brinquedos se apresentam como recurso recreativo e terapêutico neste contexto. Por meio destes a criança pode expressar seus sentimentos, suas angústias, seus temores e se apropriar de uma posição mais ativa frente à situação da hospitalização; ao mesmo tempo em que pode se reaproximar de uma atividade

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada

L.D.B. Oliveira, C. Marcon, B.G. Stodieck, E.B. Kestering & T.C. Farsen

rotineira (a própria brincadeira) e prazerosa, deslocando o foco dos aspectos negativos da internação (CARVALHO & BEGNIS, 2006; FRANÇANI *et al.*, 1998; GARIÉPY & HOWE, 2003; ISSA *et al.*, 2009; LIMA *et al.*, 1999; MITRE & GOMES, 2002; MOTTA & ENUMO, 2004; PEDRO *et al.*, 2007; MELLO *et al.*, 1999; POLETI *et al.*, 2006; OLIVEIRA, 1993; VALLADARES & CARVALHO, 2005).

Além da brincadeira em si, outros aspectos podem promover a diminuição dos prejuízos da hospitalização sobre o desenvolvimento infantil, entre estes a presença dos pais durante a internação. De acordo com Lima e colaboradores (1999), a publicação de um relatório pela Organização Mundial de Saúde, em 1951, que versava sobre os efeitos da privação materna sobre a saúde mental das crianças hospitalizadas, fez crescer a preocupação com a assistência oferecida a elas. Em consonância com esta constatação, a Lei nº 8.069/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, prevê em seu artigo 12, que as crianças e adolescentes têm direito à presença de um dos pais ou responsável durante a hospitalização. Lima e colaboradores (1999) e Crepaldi (1998) declaram que a internação conjunta mãe/pai-filho diminui o risco de infecção cruzada, reduz o estresse emocional da criança e da família e acaba por diminuir também o tempo de internação, entre outros ganhos. Por isso, hoje, a postura cada vez mais observada pelos hospitais é a de garantir a presença e incentivar os pais a ficarem com a criança durante a hospitalização (CARVALHO & BEGNIS, 2006).

Contudo, para que esses objetivos possam ser alcançados, os pais precisam ter, além das condições físicas para permanecerem com seus filhos, suporte emocional (RANNA *et al.*, 1993). Muitas vezes, no momento em que vivenciam as angústias da internação, as crianças recorrem aos pais como ajuda. Contudo, eles também podem não se sentirem aptos a ajudar os filhos em todas as suas necessidades, porque também estão angustiados diante da nova situação (PEDRO *et al.*, 2007; POLETTI *et al.*, 2006). Nesse sentido, permitir, por exemplo, que os pais participem dos cuidados com seus filhos é uma forma de proporcionar tranquilidade e confiança aos mesmos (CREPALDI, 1998; SCOCHI *et al.*, 2004). E, do mesmo modo, participar das atividades de recreação dos filhos é percebido por eles como fator que ajuda a diminuir o estresse da internação, além de possibilitar que tenham lazer, proporcionando o estreitamento dos laços afetivos entre pais e criança. Os pais sentem-se aliviados quando observam os filhos brincando e este momento pode ser de grande importância para que eles superem juntos alguns dos aspectos negativos da internação.

Observa-se que, mesmo mantendo as preocupações referentes aos cuidados físicos do filho, os pais têm prezado, também, pelo bem-estar emocional deles (CARVALHO & BEGNIS, 2006; LIMA *et al.*, 1999; POLETI *et al.*, 2006).

Assim, realizar atividades que envolvam pais e crianças é uma forma de contribuir para que ambos sejam fortalecidos em sua capacidade de enfrentar a hospitalização e os aspectos negativos que ela pode acarretar, promovendo bem-estar aos mesmos.

Uma das atividades possíveis no ambiente hospitalar que pode aproximar os acompanhantes e as crianças internadas é a construção de brinquedos com materiais recicláveis. Esse material, devidamente selecionado e higienizado pode ser tanto sucata de origem doméstica (potes plásticos diversos, garrafas de refrigerantes, caixas de papelão, tampas de latas, entre outras), de fácil acesso à população, quanto material reciclável resultante do cuidado hospitalar (potes de soro, seringas e recipientes plásticos, caixas de remédios). O uso desses últimos recursos, diretamente envolvidos nas situações geradoras de sofrimento, pode ter um efeito transformador e ressignificador na experiência vivenciada, quando associado a uma atividade agradável e lúdica.

Issa e colaboradores (2009), por sua vez, ressaltam que, na nossa sociedade de consumo, os brinquedos artesanais têm cada vez menos espaço, privilegiando-se os produtos industrializados. Entretanto, estes últimos são, muitas vezes, de difícil acesso às crianças e famílias menos favorecidas economicamente, sendo que aqueles produzidos com material reciclado podem ser de fácil acesso para qualquer pessoa. Nesse sentido, construir brinquedos com sucata é uma forma de promover o contato destas crianças com brinquedos e permitir que elas tenham possibilidade de escolha entre eles, já que estes são mais viáveis, economicamente, e os materiais utilizados na fabricação dos mesmos estão ao alcance de todas as pessoas.

Outro aspecto da construção com sucata, é que ela é uma das variedades de arteterapia, um meio de expressão e criação, que amplia o conhecimento e a possibilidade de ação da criança sobre seu meio, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e social (VALLADARES & CARVALHO, 2005). Além disso, a criança é capaz de se maravilhar mesmo quando é o adulto quem faz o brinquedo com a sucata, porque pode ver a transformação e sentir que alguém fez algo especialmente para ela. Esta experiência fortalece o afeto entre eles e ainda é capaz de fazer o adulto redescobrir o prazer de construir algo, manipulando materiais variados. O trabalho com sucata pode dar-se de diferentes formas: pode-se construir algo a partir de modelos, adaptando os materiais conforme a necessidade; ou pode-se, a partir dos materiais que se tem à disposição, fazer diferentes composições, gerando diversos brinquedos.

Por meio da sucata, é possível transformar aquilo que era apenas resto em algo diferente e, a partir disto, as crianças e adultos podem perceber que aqueles sentimentos e pensamentos que provocam desconforto também podem ser transformados, trabalhados e expostos na forma de algo diferente e não necessariamente ruim. A experiência de construir com sucata, transformando-a,

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada

L.D.B. Oliveira, C. Marcon, B.G. Stodieck, E.B. Kestering & T.C. Farsen

permite que a pessoa possa sentir-se “apta e segura a dar forma, direção e movimento à sua própria vida, o que se constitui não só num processo externo, mas também interno do indivíduo” (VALLADARES & CARVALHO, 2005; p. 64).

A partir das pontuações realizadas anteriormente, o objetivo desse artigo é relatar uma experiência com oficinas de construção de brinquedos com sucata em uma unidade de internação pediátrica, enfatizando alguns episódios de intervenção realizados. Visa-se, assim, contribuir com práticas inovadoras no ambiente hospitalar e instrumentalizar profissionais que tenham sua atuação relacionada a favorecer a interação entre a criança e seu acompanhante.

Material e Método

Participantes

Participaram das oficinas de construção de brinquedos com sucatas 36 pessoas; entre os quais 19 crianças, (10 do sexo feminino e nove do sexo masculino) e 17 acompanhantes (sendo 16 pais e uma avó). A idade das crianças variou entre 3 e 14 anos. Todos os sujeitos envolvidos participaram da atividade voluntariamente. Também participavam da atividade dois brinquedistas (pessoa treinada e responsável pelo planejamento e condução das brincadeiras em um determinado local). Estes tiveram o papel de mediadores e coordenadores da atividade.

Local

As atividades ocorreram na Brinquedoteca da Unidade de Internação Pediátrica de um Hospital Escola. O espaço físico constituía-se em uma sala com 40 m², equipada com dois sofás, um balcão, uma televisão, três mesas redondas (1,0m de diâmetro e 0,52 m de altura), com 6 cadeiras (0,3 m de altura) em cada mesa, estantes com brinquedos diversos e revisteiro. O local também possuía bebedouro, armário para guarda de pertences e pia. A sala era climatizada (28 a 30°C) e bem iluminada, possuindo 3 janelas envidraçadas, bem como iluminação artificial (10 lâmpadas modelo fluorescentes). O espaço era contíguo aos quartos de internação, de fácil acesso aos acompanhantes e crianças internadas.

Material

As sucatas utilizadas para confecção dos brinquedos foram arrecadadas pela equipe de saúde da Unidade Pediátrica, sendo os brinquedistas responsáveis pelo recolhimento, seleção, higienização e armazenamento do material.

Os materiais mais recolhidos e utilizados foram: potes plásticos, garrafas de refrigerantes, caixas de papelão, tampas de garrafas e latas de refrigerante, de tamanhos variados. Quanto à sucata hospitalar, era separada pela equipe em função da possibilidade de uso: potes de soro, seringas e recipientes plásticos e caixas de remédios.

Durante as oficinas, a sucata disponibilizada variava conforme o brinquedo a ser confeccionado. Eram disponibilizados também outros materiais como: tesoura, cola quente, cola branca, fita adesiva, lixa, tinta para decoração, lã, entre outros.

Procedimento

As atividades foram realizadas semanalmente, durante quatro meses. No total, ocorreram 10 oficinas, com a duração aproximada de 40 minutos cada uma. Inicialmente, a sala onde ocorreria a atividade era preparada por 1 brinquedista (higienização, organização dos brinquedos da sala, disposição de mesas e cadeiras que favorecesse visualização e interação, verificação de temperatura e iluminação, distribuição de materiais). Após a organização do espaço, era realizado um convite oral para a atividade, às crianças e aos acompanhantes, em seus quartos.

Após a chegada dos participantes à Brinquedoteca, apresentava-se aos mesmos o brinquedo a ser confeccionado no respectivo dia. Na 10ª oficina a atividade foi um pouco diferente, pois foram disponibilizados diversos materiais de sucata e cada um pode criar livremente o seu brinquedo. Nas oficinas anteriores, mesmo havendo um modelo prévio do brinquedo, era possível que o participante confeccionasse-o à sua maneira. Em todas as oficinas era enfatizado que não havia regras fixas e que qualquer sugestão era bem-vinda. No decorrer da atividade, mencionava-se a importância da realização de brinquedos de sucata, a possibilidade de repetição dessa experiência em outros contextos e de confecção dos materiais no ambiente doméstico, a partir de materiais diversos, simples e que estão ao alcance de todos. Durante toda a atividade, os brinquedistas estavam atentos às interações e necessidades apresentadas pelos presentes e mediavam a confecção dos brinquedos e a relação entre os participantes. Após a atividade, alguns episódios significativos de interações eram registrados pelos brinquedistas, como forma de obter subsídios para discussão e avaliação da atividade.

Resultados e discussão

A realização das oficinas de construção de brinquedos com sucata configurou-se como atividade lúdica e de valorização do trabalho artesanal.

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada

L.D.B. Oliveira, C. Marcon, B.G. Stodieck, E.B. Kestering & T.C. Farsen

Não obstante, a promoção desta atividade visava, também, a observação da relação entre os acompanhantes e as crianças internadas durante uma atividade conjunta, no sentido de incentivar maior interação.

Durante as oficinas foi possível realizar várias intervenções. A seguir serão relatados dois desses episódios, os quais foram considerados significativos pela oportunidade de mediação na promoção de comportamentos mais saudáveis e integradores na relação acompanhante-criança internada.

Uma das oficinas foi marcada pelo fato de que uma das crianças necessitava da ajuda da mãe para executar determinada atividade – que consistia em furar tampinhas de garrafa plástica. A mãe apresentava pouca habilidade manual para a tarefa e diante desse fato, seu filho comparava constantemente sua habilidade à de outras pessoas com mais facilidade para efetuar este trabalho. A intervenção dos brinquedistas foi, então, no sentido de mostrar para a criança que a dificuldade da mãe era decorrente da sua pouca experiência, valorizando-se a disponibilidade materna em auxiliar a criança e aprender durante a atividade. Foi pontuado a ambos a importância da presença da mãe nessa tarefa e como ela poderia ficar mais divertida se a criança ajudasse a mãe nas dificuldades.

Essa intervenção vai ao encontro do pontuado por Crepaldi (1998) e Scochi e colaboradores (2004), que refletem sobre a importância dos pais se sentirem confiantes e participativos no cuidado da criança hospitalizada, mesmo que em atividades lúdicas. Essa segurança proporcionada aos pais facilita na redução do estresse durante a hospitalização e contribui com a melhora da criança.

Outra situação de mediação dos brinquedistas foi associada à dificuldade dos pais lidarem com o resultado do trabalho dos filhos e sua insatisfação com a estética do brinquedo. Uma ocorrência nesse sentido foi a confecção de um brinquedo por uma criança de quatro anos, que necessitava do auxílio da mãe durante a atividade, uma vez que não tinha coordenação motora suficiente para dominar o pincel e a tinta. A mãe apresentou dificuldade de lidar com a incipiente coordenação motora da criança (principalmente pelo uso da tala na mão em que estava instalado o acesso venoso), que impedia um trabalho com bom acabamento. Além disso, a mãe tinha pouca compreensão de que a criança não importava se o trabalho estava parecendo bonito, e sim explorar as tintas e fazer com elas aquilo que ela tivesse vontade naquele momento, divertindo-se com a atividade, sem pensar na estética ou no uso futuro do material.

A partir dessa situação, os brinquedistas intervieram sutilmente ao demonstrar para a mãe que o trabalho do filho era importante para ele porque este o produzia, não porque era bonito. A importância estava na criança manipular os materiais, as tintas, aprender com ele, divertir-se e, ainda, construir um brinquedo.

A mediação dos brinquedistas proporcionou à mãe informações com relação a algumas características do desenvolvimento da criança, favorecendo o relacionamento entre pais e filhos. Ressalta-se que é importante a valorização das ações parentais que garantam autonomia e autoconfiança, pois a desvalorização das práticas parentais gera ansiedade para o acompanhante da criança internada e desfavorece a adaptação ao hospital e à doença (CREPALDI, 1998).

De modo geral, pode-se ressaltar outros aspectos observados que ocorreram nas diversas oficinas realizadas, como o fato de que, ao se propor a construção de um brinquedo, o adulto muitas vezes redescobre o prazer de criar, apesar de muitas vezes apresentar dificuldades para lidar com a frustração quando o resultado não correspondeu ao projeto que ele idealizou ou não agradou a criança. Esta experiência facilita a compreensão do que se passa com a criança quando ela se propõe a construir algo: esta geralmente não se preocupa com o acabamento do brinquedo, ela o constrói para usá-lo imediatamente. Isto requer adequação entre o projeto, a possibilidade concreta de executá-lo (que esteja de acordo com a sua capacidade físico-motora), bem como o desejo do outro.

O ambiente proposto no momento das oficinas é um ambiente rico e estimulador, tanto para as crianças, quanto para os pais, principais agentes estimuladores para seus filhos. O mesmo foi percebido em outro estudo, em que as estagiárias relatam que o ambiente de descontração e a valorização da criança e dos aspectos positivos das mesmas, aos poucos, foram sendo incorporados pelos adultos presentes (GOULART & MORAIS, 2002).

Sobre a relação pais e filhos observada durante a construção de brinquedos, Adamuz e colaboradores (2002) apontam que a família, sendo o primeiro vínculo afetivo e social, deve prover estímulo ao desenvolvimento da criança. Percebeu-se que a interação acompanhante-criança, além de ocorrer durante o andamento das oficinas, ocorria também no momento subsequente quando os brinquedos já estavam prontos. Nestes momentos, surge a brincadeira e/ou jogo que “pode demonstrar carinho e afeto, competição sadia, respeito, ordem, raciocínio, paciência, perseverança e outros valores que contribuem para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor da mesma” (ADAMUZ *et al.*, 2002; p.163).

Em casos onde o brinquedo ainda não estava totalmente pronto, ou em que a criança não poderia começar a brincar imediatamente pelo fato de estar com a tinta ainda fresca, por exemplo, percebeu-se a dificuldade de ter que esperar, principalmente por parte das crianças menores. Nesses casos, era efetuado o empréstimo do nosso material modelo, para que eles pudessem brincar enquanto o brinquedo deles não estivesse pronto.

Quando há a interação sadia entre pais e filhos, no momento da confecção do brinquedo, percebe-se que tanto filho quanto pai saem ganhando,

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada

L.D.B. Oliveira, C. Marcon, B.G. Stodieck, E.B. Kestering & T.C. Farsen

além de ser visível a satisfação de ambos. A aprendizagem possibilitada aos pais no momento da construção de brinquedos também envolve o conhecimento de que é importante a criança brincar e de como é possível sua participação na brincadeira. Oportunizar aos pais como aprender a se relacionar mais adequadamente com a criança, de forma a garantir que ela possa desenvolver-se sadiamente, é essencial, especialmente no ambiente hospitalar que é repleto de situações estressoras e dolorosas para os acompanhantes e crianças internadas.

Por fim, a relação pais-filho é fortalecida através da participação conjunta em uma atividade, quando ambos podem contribuir e respeitar-se. Nestas atividades, os brinquedistas puderam e precisaram ser mediadores para tornar a relação mais sadia e propiciar que a experiência vivenciada e o aprendizado decorrente dela pudessem se repetir em outras ocasiões.

Para Gouvêa (2006) é nas investidas, na exploração do mundo à sua volta, que a criança conta com parceiros que podem ser outras crianças, adultos, irmãos ou pais. A relevância na relação pais-filho é legitimada no momento da criação de brinquedos ou brincadeiras.

A relação pais-filho observada nas oficinas era constantemente positiva, nesse aspecto alguns estudos como de Cia e colaboradores (2006) apontam que a exposição da criança a práticas parentais pouco construtivas ou a sua privação de envolvimento afetivo com pais e mães constituem fatores de risco para o seu desenvolvimento, aumentando sua vulnerabilidade a eventos ameaçadores externos ao seu ambiente familiar.

A importância das oficinas é legitimada porque, por meio destas, foi possível aos pais vivenciar situações lúdicas, observar os filhos e outras díades em interação, experiências potencialmente geradoras de reflexão e que podem se traduzir em mudanças de comportamentos e de atitudes. Nesse sentido, os pais podem significar o período de hospitalização como relevante e enriquecedor. Crepaldi (1999) aponta que este pode ser visto como um momento de aquisição de conhecimentos que, por sua vez, poderiam ser aplicados a outros filhos. Além do que, de acordo com algumas abordagens contemporâneas, o desenvolvimento está relacionado a fatores genético-individuais, experiências precoces e, principalmente, à observação de modelos (PINHEIRO *et al.*, 2006).

Outro fator que mostra os resultados positivos das oficinas de construção de brinquedos é que a experiência oferece precedentes para que outros materiais sejam vistos, fora do contexto de hospitalização, como possibilidade de se transformar em brinquedos. O fato de a clientela usuária dos serviços da instituição em questão ter baixo poder aquisitivo, ressalta a importância de que se permita a estas famílias construir brinquedos por meio de materiais dos quais não se faz mais uso. Isto porque, uma vez que a criança e/ou os pais conseguem perceber que podem construir os próprios brinquedos, através de materiais disponíveis,

expande-se o leque de possibilidades que esta criança terá de possuir diferentes brinquedos, e usá-los para brincar e desenvolver-se sadiamente. Dessa forma, surge para a criança a possibilidade de ter mais brinquedos, uma vez que os materiais envolvidos na sua construção são de baixo custo e são acessíveis.

Considerações finais

A atividade de oficina de brinquedos com sucata, constituiu-se como um meio para abordar diferentes aspectos da hospitalização infantil, como: o engajamento dos acompanhantes nas atividades, a informação dos pais sobre o desenvolvimento de seus filhos, a harmonia das relações no ambiente hospitalar e a importância do brinquedo de sucata como barato, fácil e transformador da realidade. Esses tópicos explicitados ressaltam a importância que projetos humanizadores (como brinquedotecas) possuem no ambiente hospitalar e os diversos benefícios que estes proporcionam às crianças hospitalizadas.

A brincadeira é benéfica para a criança de forma geral, independentemente do contexto que ela se encontra. No ambiente hospitalar essa importância fica ainda mais explícita, pois tanto para a família quanto para o paciente pediátrico, as atividades lúdicas proporcionam um momento diferenciado e estimulador (CARVALHO & BEGNIS, 2006; FRANÇANI *et al.*, 1998; GARIÉPY & HOWE, 2003; ISSA *et al.*, 2009; LIMA *et al.*, 1999; MITRE & GOMES, 2002; 2004; PEDRO *et al.*, 2007; MELLO *et al.*, 1999; POLETI *et al.*, 2006). Assim, pesquisas que enfatizem o aspecto da brincadeira nestes contextos auxiliam os profissionais de saúde no sentido de instrumentalizá-los nas suas práticas de cuidado.

Como limitação do estudo, pode-se apontar que as interações ocorridas durante as oficinas foram muitas e simultâneas, o que dificultou a percepção e registro dos brinquedistas sobre as variadas interações entre a criança e seus pais na atividade proposta. Como não foi utilizado nenhum recurso de vídeo ou observação direta, o relato era feito posteriormente à atividade, o que também contribuiu com a perda de alguns eventos potencialmente importantes de serem relatados.

Para estudos nacionais futuros, indica-se um acompanhamento sistemático das crianças internadas e o impacto do uso de recursos lúdicos em sua situação clínica, como realizado no âmbito internacional por Gariépy e Howe (2003). Acompanhar o efeito das atividades lúdicas após a alta, especialmente na relação pais e filhos, também se mostra uma possibilidade interessante de avanço na produção científica.

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada

L.D.B. Oliveira, C. Marcon, B.G. Stodieck, E.B. Kestering & T.C. Farsen

Referências bibliográficas

ADAMUZ, R.C.; BATISTA, C.V.M. & ZAMBERLAN, M.A.T. Você Gosta de Brincar? Do quê? Com quem? In: S.M.P. SANTOS (Org.). *Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico*. Pp. 157-67. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

AMORIM, E.R. Jogos, brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento da criança disléxica. Disponível em <www.crda.com.br/tccdoc/17.pdf> Acesso: 20 de Novembro de 2009.

BERTOLDO, J.V. & RUSCHEL, M.A.M. *Jogo, brinquedo e brincadeira*. Disponível em <www.labrinjo.ufc.br> Acesso: 20 de Novembro de 2009.

BRASIL. Lei 11.104, 21 de Março de 2005. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso: 9 de Novembro de 2010.

BRASIL. Lei 8069, 13 de Julho de 1990. Disponível em: <www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes> Acesso: 9 de Novembro de 2010.

CARVALHO, A.M. & BEGNIS, J.G. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. *Psicologia em Estudo*, 11(1): 109-17, 2006.

CIA, F.; PEREIRA, C.S.; DEL PRETTE, Z.A.P. & DEL PRETTE, A. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em Estudo*, 11(1): 73-81, 2006.

CREPALDI, M.A. Programas de hospitalização conjunta: integrando os pais em enfermarias pediátricas. *Temas em Psicologia*, 7(2): 152-57, 1999.

CREPALDI, M.A. Famílias de crianças acometidas por doenças crônicas: representações sociais da doença. *Paidéia*, 8(14-15): 151-67, 1998.

FRANÇANI, G.M.; ZILIOLI, D.; SILVA, P.R.F.; SANT'ANA, R.P.M. & LIMA, R.A.G. Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 6(5): 27-33, 1998.

GARIÉPY N.; HOWE, N. The therapeutic power of play: examining the play of young children with leukemia. *Child: care, health & development*, 29(6): 523-37, 2003.

GOULART, A.M.P.L. & MORAIS, S.P.G. O brincar como uma ação mediadora no trabalho desenvolvido com crianças hospitalizadas In: S.M.P. SANTOS (Org.) *Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico*. Pp. 119-28. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GOUVÊA, M.C.S. Infância, sociedade e cultura. In: A. CARVALHO, F. SALLES & M. GUIMARÃES (Orgs.). *Desenvolvimento e aprendizagem*. Pp. 13-29. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ISSA, D.C.; RODRIGUES, N.A.B. & OLIVEIRA, R.M.S.G. O brincar: a importância do brincar utilizando a sucata com crianças institucionalizadas de 0 a 6 anos. In: II Encontro Científico, 2. E Simpósio De Educação, 2., 2009, Lins. Disponível em: <www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/PO22791271805.pdf> Acesso: 20 de Novembro de 2009.

LIMA, R.A.G.; ROCHA, S.M.M. & SCOCHI, C.G.S. Assistência à criança hospitalizada: reflexões acerca da participação dos pais. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 7(2): 33-39, 1999.

MAIA, C.I.B.; GOTTLÖB, A.D.G.; OLIVEIRA, H.P.; ONODERA, M.I.; BOM, N.A.P.; BAUMGARTNER, R.D.C. & DOMINGUES, S.F. Brinquedoteca Hospitalar SHISHIRO OTAKE. In: S.M.P. SANTOS (Org.). *Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico*. Pp. 114-18. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MELLO, C.O.; GOULART, C.M.T.; EW, R.A.; MOREIRA, A.M. & SPERB, T.M. Brincar no hospital: assunto para discutir e praticar. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 15(1): 65-74, 1999.

MITRE, R.M.A. & GOMES, R. O papel do brincar na hospitalização de crianças: uma reflexão. *Pediatria moderna*, 38(7): 339-42, 2002.

MITRE, R.M.A. & GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. *Ciência, Saúde Coletiva*, 12(5): 1277-84, 2007.

MOTTA, A.B. & ENUMO, S.R.F. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Psicologia em estudo*, 9(1): 19-28, 2004.

OLIVEIRA, H. A Enfermidade Sob o Olhar da Criança Hospitalizada. *Caderno de Saúde Pública*, 9(3): 326-32, 1993.

PEDRO, I.C.S.; NASCIMENTO, L.C.; POLETI, L.C.; LIMA, R.A.G.; MELLO, D.F. & LUIZ, F.M.R. O brincar em sala de espera de um ambulatório infantil na perspectiva de crianças e seus acompanhantes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(2): 111-19, 2007.

PINHEIRO, M.I.S.; HAASE, V.G.; AMARANTE, C.L.D.; PRETTE, A.D. & DEL PRETTE, Z.A.P.D. Treinamento de Habilidades Sociais e educativas para Pais de Crianças com Problemas de Comportamento. *Psicologia: reflexão e crítica*, 19(3): 407-14, 2006.

Construção de brinquedos com sucata: mediando a relação pais/criança internada

L.D.B. Oliveira, C. Marcon, B.G. Stodieck, E.B. Kesting & T.C. Farsen

POLETI, L.C.; NASCIMENTO, L.C.; PEDRO, I.C.S.; GOMES, T.P.S. & LUIZ, F.M.R. Recreação para crianças em sala de espera de um ambulatório infantil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(2): 233-35, 2006.

QUEIROZ, N.L.N.; MACIEL, D.A. & BRANCO, A.U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, 16(34): 169-79, 2006.

RANNA, W.; JACOB, C.M.A.; SAKATA, C.K.; VALENTE, M.T. & FERRARI, V.P.M. Atuação da equipe multidisciplinar em enfermagem pediátrica com pais participantes. *Pediatrics (USP)*, 15(2): 5-11, 1993.

SCOCHI, C.G.S.; BRUNHEROTTI, M.R.; FONSECA, L.M.M.; NOGUEIRA, F.S.; VASCONCELOS, M.G.L. & LEITE, A.M. Lazer para mães de bebês de risco hospitalizados: análise da experiência na perspectiva dessas mulheres. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12(5): 727-35, 2004.

VALLADARES, A.C.A. & CARVALHO A.M.P. A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica. O desenvolvimento da construção com sucata hospitalar. *Acta Paulista de Enfermagem*, 18(1): 64-71, 2005.